

# Tu/er la mort<sup>1</sup>

MARTINE MENÈS

« Si vis vitam, para mortem<sup>2</sup> »

Contrariamente ao esperado, o tempo não passa sobre o homem; é o homem que passa sob as arcadas do tempo, caminhando conforme a construção do tempo feita por ele, porém ignorando-o soberbamente, até se extenuar, sem nunca o saber. O fim da viagem é a morte, imagem extrema da castração da qual ninguém pode se proteger.

A relação com a temporalidade revela a resposta do sujeito ao real, ou seja, para simplificar, o ser vivo, o sexo, a morte. De que maneira ele trata o enodamento entre vida e morte, estado que, de fato, não existe nem mesmo para quem lá chegou, pois o sujeito morto não sabe que está morto, nem para aquele que visa à morte, porque este não pode ser mais do que um espectador<sup>3</sup>? Sem rastros nem palavras cercando a coisa, viver sabendo-se mortal é uma decisão que supõe um consentimento, que depende da original *Bejahung* numa escolha forçada, não somente à castração, mas também em relação ao que ela não consegue traduzir. A relação à morte de um, encontra-se, portanto, no mesmo lugar que a falta, no Outro, eco dos limites significantes e imaginários divisores dessa relação entre ser e sentido, e que a fazem para sempre perdedora e solitária.

Assim, a primeira aceção da morte se localiza na originária perda do vivente, ancorada num começo de absoluta satisfação mítica do narcisismo primário, donde o objeto *a* é o resto, e a pulsão de morte, a memória. O vazio cavado no sujeito é, em um segundo tempo, interpretado pela diferença dos sexos, e tratado pela castração que vai em parte transformar essa perda em ausência estruturante, origem da qual o sujeito pode (se) contar. Desse modo, a apreensão da morte oscilará entre dois instantes: aquele da perda e aquele da falta. E como Freud ressaltou, a angústia de morte (a qual ele precisa que ela é de fato uma angústia diante da vida) é o análogo da angústia de castração<sup>4</sup>, e Lacan vai declará-

<sup>1</sup> Nota do tradutor: Deixamos o título do artigo no original, pois nota-se a intenção da autora em "brincar" com o título, pois a barra (/) separando TUER (matar, trucidar) faz com que o título possa significar ao mesmo tempo: "matar a morte" (em francês: Tuer la mort) e "tu és a morte" (em francês: Tu es la mort).

<sup>2</sup> Freud. "Notre attitude devan la mort". Freud conclui seu artigo com esta citação: "Se você quer suportar a vida, esteja pronto para aceitar a morte".

<sup>3</sup> *Idem*. Como Epicuro, Freud declara: "É-nos impossível representar nossa própria morte e, todas as vezes que nós a tentamos apercebemo-nos que fizemos isso como espectadores".

<sup>4</sup> Freud. «Inhibition, symptôme, angoisse», (19 ??/1981, p 53 e p. 64).

<sup>5</sup> Lacan J., *Le séminaire livre X, L'angoisse*, Paris; Seuil, 2004, p.305: "É uma angústia que vem ao campo onde a morte se entrelaça estreitamente com a vida. O fato da análise a ter localizado nesse ponto da castração, permite perfeitamente compreender que ela seja, de uma maneira equivalente, interpretável..."

<sup>6</sup> Ashasverus, o judeu errante condenado à imortalidade por ter maltratado Cristo no caminho da Gólgota.

<sup>7</sup> Woolf, Virginia. Orlando.

<sup>8</sup> Fruttero e Lucentini, *O amante sem domicílio fixo*

<sup>9</sup> Lacan. O seminário "L'identification", inédito, lição de 23 de maio de 1962: "Esta vida eterna da qual seria descartada toda promessa de fim é concebível somente como uma forma de morrer eternamente."

<sup>10</sup> Wilde Oscar, *O retrato de Dorian Gray*.

las interpretáveis<sup>5</sup> de maneira equivalente, ela não pode se reduzir inteiramente a isso.

o tempo faz sintoma

O paciente que chamarei de Ashasverus<sup>6</sup> caminha sem parar e "erra sozinho nos imensos desertos da eternidade"<sup>7</sup> como "alguém fantasiado de pessoa"<sup>8</sup>. Ele se entedia por ter de morrer, mas não morre nunca. Nenhuma data. Nenhum encontro, nenhuma lembrança faz para ele ponto de basta. Sem projeto, confundindo memória e futuro, ele não aguarda ou espera nada. "Melhor seria não nascer", diz ele, tal qual Édipo. Aí está em luto dele mesmo, morto no tempo morto que encerra sua existência. Ao matar o tempo, o sujeito do desejo mata-se também<sup>9</sup>.

Diante desse melancólico, o analista é colocado no lugar de Eco, falando para não ser entendido a não ser por ele mesmo. É-lhe necessário, portanto, inventar um modo de intervenção diferente, paradoxal, que porte algo do ato, para arrancar o jacente à sua eternidade.

Passemos para personagens menos trágicos, que mais banalmente jogam com o tempo de morrer, limite insuportável colocado pela onipotência deles. Um está parado em um passado antecipado perdido para sempre, para ele é doravante muito tarde. E a outra espera um futuro anterior infinito, para ela é sempre muito cedo.

Ao primeiro chamarei de Henri e, como Fausto, previne qualquer surpresa para ele: infelizmente, as boas. Tudo com preparação, precaução, previsão; ele consegue enganar sua pontualidade e acontece de esperar, mais freqüentemente na sua vez. Então a angústia surge diante do vago desejo que poderia encontrar em frente. Sobretudo do fato de o outro não lhe demandar nada! Isso seria desde então demasiadamente arriscado. E risco ele não quer mais; ele já foi posto no mundo sem o seu próprio consentimento, produto de uma cena primitiva sobre a qual ele preferiria nunca pensar, mas de que se recorda às vezes nos meandros de seus sonhos. Cada uma de suas pequenas covardias, nas quais ele peca cedendo em seu desejo, muitas vezes em detrimento de seu parceiro. Inscreve-se não sobre um quadro guardado em um quarto fechado, como para Dorian Gray<sup>10</sup>, mas sobre a cera mole

de uma culpabilidade sempre fresca, da qual ele não quer nada saber, mas que torna sua vida insuportável. Ele vegeta no *après-coup* de demandas obsoletas, sempre nostálgicas de uma tarde eterna onde ele havia sido a criança mais-que-perfeita<sup>11</sup>, preenchendo uma mãe encantada.

Assim, prisioneiro de uma fixação que o mantém num estado de letargia, na qual a pulsão de morte fala em silêncio, ele ignora a hora da fatal visitante, cuja simples evocação o mergulha numa inquietante angústia. Está quase morto, mas não sabe disso.

A segunda chamarei de Bela. Não vê o tempo passar, às vezes corre atrás dele, mas o mais freqüente é esperar um homem de exceção que lhe corra atrás. Sua vida se assemelha à da heroína condenada desde o seu nascimento - por uma fada que não foi convidada para as festividades- a espetar seu dedo no fuso e cair morta, bem precisamente aos 15 anos<sup>12</sup>. E não é nada banal que isso ocorra no "despertar da primavera"<sup>13</sup>, ou seja, no momento do encontro com a sexualidade efetiva, o segundo tempo do trauma inevitável, o encontro sexual revelador da falta. A sorte será suavisada por uma fada concorrente e a morte transformada em um sono de cem anos.

O que Bela ignora é a trapaça em relação ao príncipe encantado. Recordemos brevemente os fatos: o castelo inteiro com todos os seus habitantes se imobiliza no tempo e uma muralha de espinhos o cerca. Os jovens homens atraídos pelo objeto feminino receptado ficam ali enganchados até a morte. Aquele que conseguir atravessar o obstáculo, o fará completamente por acaso. Simplesmente o tempo da maldição é terminado. Justamente no bom momento, o do despertar da princesa ao desejo adormecido. Não há mínima proeza nesse encontro, justo uma questão de boa hora<sup>14</sup>.

Bela não quer correr o risco de saber a continuação da história, coloca-se como eterna ausente para sustentar uma espera sempre insatisfeita. Assassina<sup>15</sup> narcisista do desejo, ela não vê o tempo passar. A hora da morte a deixa indiferente, a duro custo ela a percebe quando alguém próximo recebe a visita funesta.

estar a postos<sup>16</sup>

Seria desejável que esses pacientes<sup>17</sup> - que encarnam

<sup>11</sup> Trata-se ao mesmo tempo de uma expressão significando a perfeição e um tempo de conjugação.

<sup>12</sup> "A Bela adormecida", primeira versão de Charles Perrault, depois vem a dos irmãos Grimm.

<sup>13</sup> De F. Wedekind, prefaciado por Jacques Lacan.

<sup>14</sup> Nota do tradutor: a autora, colocando alguns acréscimos de letras equivoca *bonheur*, felicidade, com *bonne heure*, boa hora. Outra tradução possível e mais corriqueira para essa palavra seria: "hora certa".

<sup>15</sup> Observação: o feminino de assassino não existe na língua francesa, é utilizado: *assassin*.

<sup>16</sup> Nota do tradutor: A autora diz em francês *«se mettre à l'heure»*. Novamente está jogando com a hora: a tradução literal seria 'se colocar à hora'.

<sup>17</sup> Observação: aí existem duas significações: a de clientes e também a de constantes, perseverantes.

particularmente o equívoco do significante, e eles são muito pacientes – achassem na análise uma maneira de se ajustar não tanto ao inconsciente/saber que ignora o tempo, mas ao real, isto é, a [hora] da morte. O lado inconsciente, o desenrolar da rede significante versus o enunciado, privilegia o modo diacrônico, organizado pelos limites significantes da castração, tudo estando sob o controle de uma representação consciente do tempo, construída e simbolizada. É necessária uma intervenção particular para romper o fio do *autômatom*, deixar lugar para *tiquê* da enunciação e tocar na sincronia intemporal do sintoma. Eis o motivo pelo qual Lacan introduziu na condução do tratamento um ato afetando o tempo concreto: para que o analisado canse do gozo, deixe de lado o fora de tempo do gozo e entre no tempo, contado, contável, do desejo. Assim, trata-se de visar a um bloqueio da série dos significantes, não em relação à vã repetição, mas em relação a uma construção e a uma travessia da fantasia que quebra sua fixação pulsional e re/atualiza a relação do sujeito com o impossível.

só a morte é imortal

A psicanálise com crianças é particularmente instrutiva, pois a criança-analisanda banha-se na materialidade do significante e fala o real, o que a expressão “palavra de criança” ilustra.

A questão da morte se apresenta para a criança ao mesmo tempo em que a da vida: instante de ver<sup>18</sup>. O pequeno sujeito, quando ele se descobre sozinho e limitado, entrando no período da “neurose infantil” - tempo para compreender- explora com suas teorias sexuais infantis todas as hipóteses sobre o não sentido da existência. A consciência sobre uma origem se impõe, e ele formulará rapidamente a hipótese de que se há um começo, há também um fim. Atrás de todas as questões sobre o nascimento dos bebês e sobre o enigma da diferença dos sexos, se perfilam, freqüentemente caladas, as questões sobre o devir de cada um. Desse modo, sexo, vida e morte se encontrarão interligados pelo desejo de saber e pelos limites de seus poderes. A criança encontra com horror essa face do real que permanece, em parte, fora do alcance, exceto pela assunção simbólica da castração que poderá metabolizar isso, deixando o essencial a cargo de uma “insondável decisão”.

<sup>18</sup> Cf Hans: “a presença do tema da morte é estritamente correlativa ao tema do nascimento”. Lacan. *Le séminaire livre IV, La relation d'objet* (1957/1994, p.413).

só o vivente é mortal

Esse menino de oito anos faz escansões em algumas cenas - depois de um certo número de encontros sem conseqüências - à passagem de uma angústia de castração que se expressará como angústia de morte em relação à possibilidade de castração assumida, vetor de solidão, mas também de desejo.

Uma infeliz queda de uma árvore deixa-o com um braço quebrado. A coisa permanece banal até o dia da retirada do gesso. A criança tem medo diante da serra, fica pálida e se desmorona. Desde então ele fica, diz ele, obcecado pela morte, o que significa para ele “não poder ver mais a casa, nem o papai e nem mamãe”. Num primeiro sonho, uma imago paterna digna do pai da horrida primitiva, aparece como agente de uma modalidade da falta que revela, sobretudo, a castração do imaginário: “( ... ) o chefe, ele dava medo. Seu nome é Papa-tudo. É um monstro que come tudo e todo mundo”. Reconhecemos de passagem a figura do ogro, o comedor de crianças, sendo o primeiro Cronos, que encarna o tempo suspenso. Ele o faz devorando seus descendentes. Nessa família, bem mais modesta do que a do Olimpo, eu me contento em ressaltar o que a criança diz: seu pai fala “entre os dentes”.

Em um próximo sonho, toda a família se transforma em lobisomem; ele comenta: “Meu pai não era mais meu pai”. Declaração da diferença radical – encontrada pelo menino, de uma maneira particularmente exposta – que existe entre o pai parceiro da mãe, com o real sexual trazido por ele, e o pai que o alimenta. Evidentemente é a primeira figura a sustentar as fantasias de retorsão para o pequeno Zeus, protegido pelo amor de sua mãe, mas ele o teme mesmo assim. Esse rapazinho, com aproximadamente 4 anos, veio me falar de seu temor por não ter reconhecido seu pai. Ele havia feito a barba que sempre mantivera, e aparecia como um outro aos olhos de seu filho. Assim, pude formular a hipótese de o corte operado pela gilete ser o segundo tempo do trauma inaugurado pela aparição de um pai que não é mais o mesmo, revelando em sua aparição de homem desconhecido, o seu status de separador.

Comento o sonho assinalando ao menino que, na verdade, a morte é certa, mas que a mordida<sup>19</sup> do lobisomem não o matará, mas o fará um lobisomem como seu pai.

<sup>19</sup> Em francês *mort sûre* (morte certa) e *morsure* (mordida) têm o mesmo som.

No sonho seguinte, os lobos não parecem tão terríveis, são lobinhos que o atacam, mas dessa vez somente para comer seus chinelos, e seu pai pela primeira vez surge como protetor, ele caça os bebês lobos com um martelo.

O último sonho dá a chave. O menino chega me declarando: "Eu não tenho mais medo da morte, eu sei o motivo". Depois ele conta: "Eu tive um sonho, eu estava numa grande árvore (como aquela de onde ele havia caído), a gente havia feito uma cabana". E ele continua: "Ficava atrás de um riacho, assim mamãe não poderá passar por lá". Ele me explica então que realmente havia construído uma cabana com seu irmão mais velho e seu pai, em um lugar supostamente pouco acessível para o sexo dito frágil. Dessa maneira, ele opera a separação com sua mãe, demasiadamente próxima, arranjando-se do lado masculino e colocando entre ela e ele um obstáculo intransponível. Essa saída bem edipiana, via identificação de gênero, permitirá à criança suportar o impossível? Ele parece tomar esse caminho quando, brincando distraidamente com alguns personagens na escrivania, declara serenamente: "Somente os falsos não morrem". Aí está: a criança tornou-se filósofa<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Como Montaigne, lembrando que a morte toca somente quem está vivo.

Tradução: Bruno R. Tasso  
Revisão: Daniela Chatelard

## referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. "Notre attitude devant la mort". In : *Essais de psychanalyse*. Paris: PUF, 1981.
- FREUD, Sigmund. «Inhibition, symptôme, angoisse». In : *Essais de psychanalyse*. Paris: PUF, 1981.
- FRUTTERO E LUCENTINI, *O amante sem domicílio fixo*. São Paulo: Editora Rocco.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire livre X, L'angoisse*, Paris: Seuil, 2004.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire livre IV, La relation d'objet*, Paris: Seuil, 1994.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire livre IX "L'identification"*, inédito, lição de 23 de maio de 1962.
- WILDE OSCAR, *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- WOOLF VIRGINIA, Orlando. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 6ª. ed., 1978.

RESUMO

Este artigo trabalha a relação do vivente com a morte, o desejo e o tempo. Mostra o tempo para compreender da neurose no tratamento de um menino de oito anos às voltas com suas teorias edípicas.

palavras-chave

Desejo, trauma, sintoma, tempo, morte

abstract

This article deals with man's relations with death, desire and time. It shows the time it takes to understand neurosis in an eight-year-old boy treatment, facing his oedipal theories.

key words

Desire, trauma, symptom, time, death

recebido

20/07/2008

aprovado

05/09/2008